

INÊS FONSECA SANTOS



(Lisboa, 1979) é licenciada em Direito e mestre em Literatura Portuguesa Moderna Contemporânea. Deste trabalho resultou o livro **Regressar a Casa com Manuel António Pina** (Abysmo, Fevereiro de 2015). Jornalista de profissão, publicou em Abril de 2017, na coleção Retratos da Fundação Francisco Manuel dos Santos, o volume **Vale a pena? Conversas com escritores**. Foi também uma das organizadoras, com Nuno Artur Silva, da **Antologia do Humor Português...** (Texto, Outubro de 2008). Estreou-se na poesia com **As Coisas** (Abysmo, Fevereiro de 2012), ao qual se seguiram os livros **A Habitação de Jonas** (Abysmo, Abril de 2013) e **Suite sem Vista** (Abysmo, Janeiro de 2018).

IV

Dia após dia a rapariga escavava um túnel para fora de si: a colher encostada ao estuque, escavando, escavando.

Dentro das paredes da suite sem vista talvez encontrasse a caixa onde outrora guardara o primeiro luto, o minúsculo caixão do passarinho negro.

A colher finalmente encostada ao esqueleto do pássaro, os dedos negros de tanto escavar:

colheita de sangue e vestígios do que outrora terá sido a rapariga.

In **Suite sem Vista**, Abysmo, Janeiro de 2018, p. 10.

DIGA 33
POESIA NO TEATRO
às terças **terças-feiras** de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

10

A HABITAÇÃO DE JONAS

*Sei que esta grande tempestade
por causa de mim vem sobre as paredes
da casa, afastados já os móveis.*

As paredes, ao se afastarem os móveis,
erguem-se, despidas, coradas até à raiz dos rodapés,
como paredes sem móveis; demasiado brancas,

branco casca de ovo, branco gelo, branco mate,
consoante a cor com que as paredes se pintaram
antes de se lhes colarem os móveis.

Foram *três dias e três noites nas entranhas*
das paredes na esperança de expiar a culpa,
o pecado: branco sujo até se afastarem os móveis.

Dentro da cabeça das paredes, sobretudo
da cabeça do coração, até se afastarem os móveis,
cobria-se de cal essa certa esperança

de esconder defeitos. Ao se afastarem os móveis,
as paredes deixaram cair pregos, abriram rachas,
mostraram, pudicas, as manchas. Espreitava-se

e via-se-lhes a olho nu o espaço íntimo,
o *sangue inocente* posto sobre nós
no que parecia ser a boca dentada de um peixe.

Paredes, estais hoje mais velhas do que nós.
O branco, demasiado aberto, não vos assenta bem.
Tentamos vestir-vos de quadros e desenhos;

já nada vos serve: o homem das obras ordenou
a demolição. *Porque Tu, Senhor, fizeste como te agradou:*
três dias e três noites em oração contra Ti.

A grande tempestade por causa de mim
expôs como ferida em carne viva o esqueleto
da casa. Ossos feitos de material de construção.

In **A Habitação de Jonas**, Abysmo, Abril de 2013, pp. 5-6.



JOÃO PAULO COTRIM



(Lisboa, 1965) é jornalista, escritor e editor. Assinou vários guiões para filmes de animação, novelas gráficas, ensaios e histórias para a infância. Dirigiu a Bedeteca de Lisboa entre 1996 e 2002. Como jornalista, colaborou com vários programas de rádio e televisão, tendo sido também coordenador editorial da revista **LER** e editor de ficção e ensaio na revista **Ícon**. Fundou e dirige a editora Abysmo, onde tem publicado vários livros de poesia de autores nacionais e estrangeiros. Entre os seus livros de poesia contam-se **Má Raça** (Abysmo, Março de 2012), com ilustrações de Alex Gozblau e posfácio de Adolfo Luxúria Canibal, e **A Minha Gata** (Companhia das Ilhas, Outubro de 2012).

SANTOS POPULARES

visto a tatuagem
sem sacrifício
os saltos de assalto
puxo a alça como veia
carrego no calcanhar pintando de azul
o preto e branco disto
pronto para a festa dos lençóis sujos
resignado como um céu

In **Má Raça**, Abysmo, Março de 2012, p. 38.



A minha gata está sempre disponível para jogar. É a vocação do gato, com o pássaro e o rato, com a bola e a luz, com o miúdo e a mosca. Umaz vezes fere, outras mata.

In **A Minha Gata**, Companhia das Ilhas, Outubro de 2012, p. 14.

BÁRBARA

É da minha torre que vejo o castelo,
rasgo na mão a flor de sal do horizonte.

Tacteio os muros em busca das janelas,
noto a ponta dos dedos ferida de céu.

Em cima, os passos descalços da vocação perdida,
aqui ao fundo aguardo um caminho.

Há promessas de viagem na trovoadas,
a redenção espreguiça-se como um arco.

Uma ideia descalça no miolo da espada,
são raios que me partem, as dúvidas.

Na companhia íntima das raízes,
o brilho da lágrima faz a morte hesitar.

Explode às vezes a coluna de pó,
são as janelas que brincam de ameias.

Desfaz-se o perigo naquelas mãos,
sei de cor a dádiva de uma recusa.

Anunciam-se os sábios e as palavras,
mas se o círculo de pólvora limita os passos.

Cada onda da túnica é beijada pelo navio,
estendo as mãos ao encontro dos estranhos.

Guarda o belo para o regresso,
repousa a folha, um relâmpago no regaço.

Inédito

Próxima sessão:

**17
DEZ**

**FRANCISCO DUARTE MANGAS
AUGUSTO BAPTISTA**

